

## SUMÁRIO

POR OCASIÃO DO ANIVERSÁRIO DE 250 ANOS DE GEORG WILHELM FRIEDRICH HEGEL. . . . .	15
FILOSOFAR SIGNIFICA APRENDER A PENSAR LIVREMENTE E A VIVER LIVREMENTE. .	17
1. Caminhos de Vida em Ascensão: O ‘Fio de Ligação’ . . . . .	26
2. A Toupeira que Enxerga e a Polícia Secreta. . . . .	28
I. A ‘AMADA CIDADE NATAL’: INFÂNCIA E JUVENTUDE EM STUTTGART (1770-1788) . . . . .	31
1. “Amigos que Não lhe Dizem Apenas o que Você Quer Ouvir, Segure-os”: O Círculo de Amigos de Stuttgart . . . . .	33
2. O Ilustre Ginásio: Entrada no Mundo Intelectual . . . . .	37
3. O Tatear Cauteloso na Ciência e na Filosofia. . . . .	40
4. O São Entendimento Humano e a Crença em Milagres: O Professor de Hegel, Jakob Friedrich Abel . . . . .	44
5. Poetas Antigos e Modernos: Arte e Liberdade . . . . .	48
6. A ‘Casa de Correntes’ do Mundo: Rousseau e Schiller. . . . .	51
II. ‘MEU REINO NÃO É DESTE SEMINÁRIO’: OS ANOS DE ESTUDO DE HEGEL EM TÜBINGEN (1788-1793) . . . . .	55
1. O Seminário de Tübingen: Espírito e Galé. . . . .	57
2. A Revolução Francesa como Aurora: O Entusiasmo pela Revolução no Seminário. .	65

3.	O Estudo de Teologia e Filosofia . . . . .	75
4.	‘O Ideal da Adolescência’: Formação e Educação Popular . . . . .	77
5.	O ‘Caminho Teológico-kantiano’ e os Primeiros Desafios Intelectuais . . . . .	80
6.	Traços Fundamentais dos Caminhos Intelectuais de Investigação . . . . .	85
6.1.	Cristianismo e Religião Popular . . . . .	85
6.2.	‘Nós Estamos Afastados Demais da Natureza’: Moralidade – Natureza – Monismo. . . . .	91
6.3.	O ‘Partido dos Pirrônicos’ e o ‘Portal da Dúvida’ . . . . .	94
6.4.	Direito e Estado: A ‘República Única’ . . . . .	99
6.5.	Lógica – Metafísica – Epistemologia – Psicologia Filosófica . . . . .	100
7.	Na ‘Terra da Liberdade’: Antes da Mudança para a Posição de Preceptor em Berna. . . . .	101
III. PRECEPTOR EM UMA FAMÍLIA PATRÍCIA EM BERNA:		
	HEGEL NA SUÍÇA (1793-1796) . . . . .	105
1.	O Surgimento do Idealismo Alemão. . . . .	111
2.	Um Cansativo e Arriscado Tour Filosófico pela Montanha . . . . .	117
2.1.	Conceitos de Religião . . . . .	121
2.2.	A Natureza e o Princípio “Único” . . . . .	125
2.3.	‘O Um que Divide Rigorosamente a Moda/os Modernos’: Schiller contra Kant . . . . .	126
2.4.	O Pensamento de Liberdade de Fichte e o Primeiro Fragmento Sistemático-filosófico de Hegel. . . . .	130
2.5.	A Filosofia do Eu de Schelling e Hölderlin . . . . .	132
2.6.	Os Fundamentos e Abismos da Dúvida na Suíça: Os Demônios e Espectros do Ceticismo . . . . .	135
2.7.	Constituição do Estado, Economia e Republicanismo: A Tradução de Hegel de uma Constituição Girondina . . . . .	138
2.8.	O Eu Absoluto e o Eu Empírico. . . . .	144
3.	Uma Verdadeira Crise de Vida . . . . .	147
4.	Nova Esperança: A Caminho de Frankfurt . . . . .	148
IV. ‘COMO TUDO SE TECE AO TODO’: O CAMINHO DE HEGEL EM FRANKFURT E HOMBURG – DO MOSAICO DE FRAGMENTOS AOS BLOCOS DE CONSTRUÇÃO DO SISTEMA (1797-1800). . . . .		
		151
1.	A Cidade Imperial Livre de Frankfurt . . . . .	152
2.	Preceptor na Família Gogel . . . . .	155

SUMÁRIO

3.	A ‘Concentração no Sistêmico’: O Monismo Idealista . . . . .	160
4.	Uma Coligação de Espíritos Entusiastas e Céticos: Hölderlin, Sinclair, Zwilling e Hegel . . . . .	166
5.	Uma Concepção Idealista Monista de Unificação e de Vida . . . . .	177
5.1.	A Unificação de Cidadãos Livres: Filosofar e Politizar . . . . .	179
5.2.	Deus: Algo Vivo Cujas Essência é Unificação . . . . .	186
5.3.	Romeu e Julieta: O Amor como Forma de Reconhecimento . . . . .	187
5.4.	Seres Vivos em vez de Seres Obrigados: Contra Kant . . . . .	188
5.5.	‘O Ideal Permite a Particularidade’: A Unidade da Unificação e da Cisão . . . . .	189
5.6.	Schelling e o Idealismo Absoluto . . . . .	192
5.7.	Balanço de Frankfurt e Despedida do Main . . . . .	194
V.	A VIAGEM DE DESCOBERTA NO SABER DE HEGEL EM JENA: A EMERGÊNCIA DO PENSAMENTO FUNDAMENTAL DO IDEALISMO ABSOLUTO (1801-1807) . . . . .	197
1.	Na Capital da Filosofia . . . . .	197
1.1.	Hegel como uma Ave do Paraíso: A Casa do Jardim . . . . .	199
1.2.	‘No Antigo Piso de Esgrima’: A Segunda Habitação de Hegel . . . . .	202
1.3.	‘Um Jovem Acolhedor e Cheio de Bom Humor’: Hegel e seu Círculo de Amigos de Jena . . . . .	204
2.	A Revolução no Sistema de Ideias: A Primeira Fase de Jena . . . . .	209
2.1.	O ‘Livro de uma Cabeça Muito Excelente’: O <i>Escrito da Diferença</i> . . . . .	211
2.2.	O Novo Monismo . . . . .	214
2.3.	Contra a ‘Maneira Patológica de Postular’: Filosofia como Ciência . . . . .	217
2.4.	O Pensamento da Liberdade: Fichte . . . . .	220
2.5.	A Habilitação e a Indignação dos Astrônomos com o <i>Escrito sobre os Planetas</i> . . . . .	222
2.6.	Lógica e Metafísica: Primeiras Tentativas de Ensino . . . . .	225
2.7.	O Seminário de Mais Alto Nível da História da Filosofia: A Disputa entre Schelling e Hegel . . . . .	227
3.	O ‘Jornalismo Incomum’ dos Infames ‘Absolutos de Jena’: O Jornal Crítico de Schelling e Hegel . . . . .	228
3.1.	Os <i>Cinco Tropos de Agripa</i> e o Pensamento Central do Idealismo Absoluto . . . . .	233
3.2.	O Artigo “Fé e Saber”: Contra o Modelo Fundamental da Filosofia da Reflexão . . . . .	237
3.3.	Idealismo da Liberdade . . . . .	239
4.	O Esboço de Constituição para a Alemanha . . . . .	242
5.	Nosso Doutor Hegel’: A Segunda Fase de Jena . . . . .	248

5.1. O Conceito de Espírito . . . . .	249
5.2. Os Caminhos de Hegel e Schelling se Separam . . . . .	253
5.3. No Caminho para o Olimpo do Pensamento: Os <i>Esboços de Sistema de Jena</i> . . . . .	255
5.4. Duas Almas Mundiais em Jena: Hegel e Napoleão . . . . .	260
6. <i>A Fenomenologia do Espírito</i> (1807): Uma Obra Milenar da Filosofia . . . . .	263
6.1. A Hidra de Muitas Cabeças da Filosofia da Consciência . . . . .	263
6.2. A Preocupação da <i>Fenomenologia</i> . . . . .	264
6.3. A Estrutura da Consciência . . . . .	266
6.4. O Contexto das Dimensões do Programa . . . . .	267
6.5. O Autoexame da Consciência . . . . .	269
6.6. Sobre a Cartografia do Caminho Fenomenológico . . . . .	272
7. O Saber Absoluto como Pensamento Conceitual . . . . .	299
VI. O NOVO CAVALEIRO DE BAMBERG NA REDAÇÃO DO JORNAL: HEGEL COMO	
JORNALISTA POLÍTICO . . . . .	305
1. Da Atenas do Saale à Pequena Roma da Francônia . . . . .	305
2. <i>A Fenomenologia do Espírito</i> vê o Mundo . . . . .	308
3. Hegel como Redator do Jornal de Bamberg . . . . .	309
4. O Problema da Compreensibilidade da Filosofia . . . . .	314
5. ‘É Muito Lindo em Bamberg e seus Arredores’: O Círculo de Conversas de Hegel . . . . .	316
6. Da Francônia Católica à Francônia Protestante . . . . .	321
VII. NUREMBERG: O PRIMEIRO GINÁSIO HUMANISTA, A GRANDE <i>LÓGICA</i>	
E A PEQUENA FAMÍLIA(1808-1816) . . . . .	325
1. Na Cidade do Mestre-pintor e do Mestre-cantor . . . . .	325
2. O ‘Pégaso Especulativo Atrelado por Necessidade ao Carro Escolar’? Hegel como Diretor do Primeiro Ginásio Humanista da Alemanha . . . . .	327
2.1. Hegel e seu Melhor Amigo, Niethammer . . . . .	331
2.2. ‘O Ser Humano Formado é Livre’ . . . . .	333
2.3. Como se Aprende a Pensar?: Hegel como Professor de Filosofia . . . . .	338
3. “Sempre Penso com Felicidade Nesses Belos Tempos” . . . . .	342
3.1. O Confidente Paul Wolfgang Merkel . . . . .	342
3.2. A Cena Intelectual em Nuremberg . . . . .	343
3.3. Serviço ao Bem Comum e o Emergente Mundo Industrial . . . . .	346
4. O Casamento com Marie von Tucher e o Nascimento dos Filhos Karl e Immanuel . . . . .	349

## SUMÁRIO

5. A Irmã Christiane e o Filho Ludwig, de Jena . . . . .	352
6. Em Antecipação à Estética de Heidelberg: Hegel e os Tesouros Artísticos de Nuremberg . . . . .	355
7. As Três Cartas Napoleônicas de Hegel a Niethammer. . . . .	360
8. A <i>Ciência da Lógica</i> : A Obra Principal de Hegel . . . . .	362
8.1. A <i>Ciência da Lógica</i> : A Pedra Fundamental do Sistema Hegeliano e Linhas Fundamentais do Sistema de Determinações do Conceito . . . . .	367
8.2. Método e Modelo Fundamental da Lógica de Hegel . . . . .	370
8.3. Ser – Essência – Conceito: Um Esboço dos Três Estágios no Autodeterminar do Conceito . . . . .	373
8.4. Com o Que Deve Ser Feito o Início da Ciência? . . . . .	375
8.5. Primeira Parte: A Doutrina do Ser . . . . .	379
8.6. Segunda Parte: A Doutrina da Essência . . . . .	382
8.7. Terceira Parte: A Doutrina do Conceito . . . . .	393
8.8. A Ideia Lógica como Unidade Absoluta de Subjetividade e Objetividade. . . . .	402
8.9. A Progressão da <i>Lógica</i> à <i>Filosofia da Natureza</i> . . . . .	404
9. A Libertação do “Lixo Escolar” e da “Ressaca”: A Caminho de uma Carreira Acadêmica. . . . .	409
VIII. HEGEL NO PHILOSOPHENWEG DE HEIDELBERG: A CORUJA DE MINERVA NO RIO NECKAR (1816-1818) . . . . .	
1. A Vida Familiar na Casa dos Hegel em Heidelberg . . . . .	413
2. A Paisagem Pictórico-romântica do Neckar de William Turner. . . . .	416
3. O Primeiro Filósofo em Heidelberg . . . . .	417
4. “Tudo Aqui Respira um Espírito Livre, Alegre”. . . . .	419
5. A Coleção de Boisserée, Kreuzer e Jean Paul . . . . .	423
6. A Disputa Constitucional de Württemberg: Paulus, o ‘Deus dos Estamentos do Estado’, Rompe com Hegel . . . . .	427
7. O Ilustre Pequeno Público de Ouvintes e Alunos. . . . .	429
8. Hegel e a Corporação Estudantil de Heidelberg. . . . .	432
9. A ‘Trajetória Solar do Conhecimento Conceitual’: A <i>Enciclopédia</i> de Hegel de Heidelberg . . . . .	436
IX. BERLIM: O ‘GRANDE CENTRO’ E A ASCENSÃO DE HEGEL À NOTORIEDADE MUNDIAL (1818-1831). . . . .	
1. Primeiras Impressões da Vida na Metrópole Prussiana: Novembro de 1818 ao Outono de 1819 . . . . .	442

2.	Os Primeiros Meses de Hegel na Leipziger Strasse . . . . .	445
3.	Os Decretos de Karlsbad . . . . .	448
4.	Três Seguidores Turíngios de Hegel em Berlim: Gustav Asverus, Friedrich Förster e Leopold von Henning. . . . .	450
5.	A Filosofia do Direito de Hegel como Filosofia da Liberdade e da Equidade. . . . .	457
5.1.	A Sentença Dupla Condenada. . . . .	460
5.2.	A Coruja de Minerva. . . . .	463
5.3.	O Universo Prático . . . . .	465
5.4.	Primeira Parte: O Direito Abstrato e a Liberdade da Pessoa . . . . .	472
5.5.	Segunda Parte: <i>A Moralidade</i> – A Liberdade do Sujeito Moral. . . . .	477
5.6.	Terceira Parte: <i>A Eiticidade</i> – A Teoria da Autodeterminação Social e Política. . . . .	491
6.	Traços da Longa e Exigente Ocupação: Concentração no Ponto Gravitacional Berlim. . . . .	527
7.	Novas Perspectivas de Kupfergraben e Novas Preocupações . . . . .	528
8.	“O Fenômeno Originário se Recomenda Mais Belamente ao Absoluto para uma Amigável Recepção”: Goethe e o Hegel de Berlim . . . . .	532
9.	Hegel e a Cena Artística Berlinense . . . . .	538
9.1.	O Teatro como Local Sagrado . . . . .	539
9.2.	A Cena Literária Berlinense: Hegel, Heine e a Jovem Alemanha . . . . .	541
9.3.	De Zelter a Mendelssohn Bartholdy, de Mozart a Rossini . . . . .	544
9.4.	A Arte Plástica e a Escola Berlinense de História da Arte. . . . .	547
10.	Incursões Europeias de Hegel. . . . .	550
10.1.	Dresden . . . . .	550
10.2.	Partida para o Exterior: A Viagem aos Países Baixos (1822). . . . .	550
10.3.	O ‘Refestelar-se nos Prazeres Espirituais’: Praga e a Metrópole Habsburguesa de Viena (1824) . . . . .	551
10.4.	No Lombo de um Burro, vai até Rousseau: 1827, em Paris. . . . .	553
10.5.	A Última Viagem ao Exterior para Teplitz, Praga e Karlsbad: Para Descanso e para ver Schelling . . . . .	555
11.	‘Ele Pensava Algo para seus Ouvintes’: Hegel como Professor em Berlim . . . . .	556
12.	A Enciclopédia Berlinense e os Lendários Ciclos de Cursos de Berlim . . . . .	562
12.1.	Primeira Parte: A Lógica como Ciência da Ideia em si e para si. . . . .	567
12.2.	Segunda Parte: A Filosofia da Natureza . . . . .	569
12.3.	Terceira Parte: A Filosofia do Espírito – O Universum Espiritual . . . . .	581
13.	O Periódico Hegel: Os Primeiros Anos do Anuário de Crítica Científica . . . . .	644
14.	Os Últimos Meses: O Reitorado e a Terceira Enciclopédia . . . . .	649

## SUMÁRIO

14.1. ‘Liberal, Totalmente Partidário da Revolução Francesa, da Vida Livre Inglesa’ . . . . .	657
14.2. Monte Croce: O “Castelinho em Kreuzberg” . . . . .	659
NECROLÓGIOS . . . . .	663
AGRADECIMENTOS. . . . .	665
BIBLIOGRAFIA . . . . .	669
ÍNDICE ONOMÁSTICO. . . . .	707
SIGLAS EMPREGADAS . . . . .	721
CRÉDITOS DAS IMAGENS . . . . .	725

No texto, aspas duplas indicam citações literais, e aspas simples no mais das vezes indicam citações parafraseadas. Itálicos são utilizados para títulos de obras e de cursos, expressões estrangeiras e destaques do autor.

Além disso, há três passagens ficcionais, relativas a dados biográficos. Por exemplo, todos os acontecimentos passados no seminário de Tübingen estão documentados, mas não ocorreram em um só dia. Para a legitimação desse recurso literário, consultar a biografia de Georg Büchner escrita por Hermann Kurzke, *Georg Büchner: Geschichte eines Genies*<sup>1</sup>. Esse recurso foi utilizado com extrema parcimônia e somente em três momentos da vida do jovem Hegel, uma vez que neles há consideráveis lacunas na tradição e que a autoria do assim chamado *O Mais Antigo Programa de Sistema do Idealismo Alemão* não foi esclarecida até o momento. Essas passagens podem ser identificadas pela presença de vinhetas, que marcam o início e o fim delas.

1. Hermann Kurzke, *Georg Büchner: Geschichte eines Genies*, 2013, pp. 20 e ss.